

II

CLARENCIO

"Suicida! Suicida! Criminoso! Infame!" — Gritos assim, cercavam-me de todos os lados. Onde os sicários de coração empedernido? Por vezes, enxergava-os de relance, escorregadios na treva espessa e, quando seu desespêro atingia o auge, atacava-os, mobilizando extremas energias. Em vão, porém, esmurrava o ar nos paroxismos da cólera. Gargalhadas sarcásticas feriam-me os ouvidos, enquanto os vultos negros desapareciam na sombra.

Para quem apelar? Torturava-me a fome, a sede me escaldava. Comezinhos fenómenos da experiência material patenteavam-se-me aos olhos. Crescera-me a barba, a roupa começava a romper-se com os esforços da resistência, na região desconhecida. A circunstancia mais dolorosa, no entanto, não era o terrível abandono a que me sentia votado, mas o assédio incessante de forças perversas, que me assomavam nos caminhos ermos e obscuros. Irritavam-me, aniquilavam-me a possibilidade de concatenar idéias. Desejava ponderar maduramente a situação, esquadriñar razões e estabelecer novas diretrizes ao pensamento, mas aquelas vozes, aqueles lamentos misturados de acusações nominais, desnorream-me irremediavelmente.

— Que buscas, infeliz! Aonde vais, suicida?

Tais objurgatorias, incessantemente repetidas, perturbavam-me o coração. Infeliz, sim; mas suicida? nunca! Essas increpações, a meu ver, não eram procedentes. Eu havia deixado o corpo físico a contragosto.

Recordava meu porfido duelo com a morte. Ainda julgava ouvir os ultimos pareceres médicos, enunciados na Casa de Saude; lembrava a assistência desvelada que tivera, os curativos dolorosos que experimentara nos dias longos que se seguiram a delicada operação dos intestinos. Sentia, no curso dessas reminiscencias, o contacto do termómetro, o pique desagradavel da agulha de injeções e, por fim, a última cena que precedera o grande sono; minha espôsa ainda jovem e os três filhos contemplando-me, no terror da eterna separação. Depois... o despertar na paisagem úmida e escura e a grande caminhada que parecia sem fim.

Por que a pecha de suicidio, quando fôra compelido a abandonar a casa, a familia e o doce convívio dos meus? O homem mais forte conhecerá limites á resistencia emocional. Firme e resolutos a princípio, comecel por entregar-me a longos periodos de desânimo, e, longe de prosseguir na fortaleza moral, por ignorar o proprio fim, senti que as lagrimas longamente represadas visitavam-me com mais frequencia, extravasando do coração.

A quem recorrer? Por maior que fôsse a cultura intelectual trazida do mundo, não poderia alterar, agora, a realidade da vida. Meus conhecimentos, ante o infinito, semelhavam-se a pequenas bolhas de sabão levadas ao vento impetuoso que transforma as paisagens. Eu era alguma cousa que o tufão da verdade carreava para muito longe. Entretanto, a situação não modificava a outra realidade do meu ser essencial. Perguntando a mim mesmo se não enlouquera, encontrava a conciencia vigilante, esclarecendo-me que continuava a ser eu mesmo, com o sentimento e a cultura colhidos na experiencia material. Persistiam as necessidades fisiológicas, sem modificação. Castigava-me a fome todas as fibras, e, nada obstante, o abatimento progressivo não chegava a cair definitivamente em absoluta exaustão. De quando em vez, deparavam-se-me verduras que me pareciam agrestes, em tórno de humildes filetes d'agua a que me attirava sequioso. Devorava as folhas desconhecidas, colava os lábios á nascente turva, enquanto mo

permitiam as forças irresistíveis, a impelirem-me para a frente. Muita vez segui a lama da estrada, recordei o antigo pão de cada dia, vertendo copioso pranto. Não raro, era imprescindível ocultar-me das enormes mananheiras de feras inescapáveis. Eram quadros de estarrecer! Acentuava-se o desalento. Foi quando comecel a recordar que deveria existir um Autor da Vida, fôsse onde fôsse. Essa idéia confortou-me. Eu, que detestara as religiões no mundo, experimentava agora a necessidade de conforto místico. Médico extremamente arraigado ao negativismo da minha geração, impunha-se-me atitude renovadora. Tornava-se imprescindível confessar a falência do amor próprio, a que me consagrara orgulhoso.

E, quando as energias me faltaram de todo, quando me senti absolutamente colado ao lodo da terra, sem forças para reerguer-me, pedi ao Supremo Autor da Natureza me estendesse mãos paternais, em tão amargosa emergência.

Quanto tempo durou a rogativa? Quantas horas consagrei á súplica, de mãos postas, imitando a criança aflita? Apenas sei que a chuva das lágrimas me lavou o rosto; que todos os meus sentimentos se concentraram na prece dolorosa. Estaria então, completamente esquecido? Não era, igualmente, filho de Deus, embora não cogitasse de conhecer-lhe a atividade sublime quando enfeitado nas vaidades da experiência humana? Por que não me perdoaria o Eterno Pai, quando providenciava ninho ás aves inconcientes e protegia, bondoso, a flor tenra dos campos agrestes?

Ah! é preciso haver sofrido muito, para entender todas as misteriosas belezas da oração; é necessário haver conhecido o remorso, a humilhação, a extrema desventura, para tomar com eficácia o sublime elixir de esperança. Foi nesse instante que as neblinas espessas se dissiparam e alguém surgiu, emissário dos Céus. Um velhinho simpático me sorriu paternalmente. Inclinou-se, fixou nos meus os grandes olhos lúcidos, e falou:

— Coragem, meu filho! O Senhor não te desampara.

Amargurado pranto banhava-me a alma toda. Emocionado, quis traduzir meu júbilo, comentar a consolação que me chegava, mas, reunindo todas as forças que me restavam, pude apenas inquirir:

— Quem sois, generoso emissário de Deus?

O inesperado benfitor sorriu bondoso e respondeu:

— Chama-me Clarencio, sou apenas teu irmão.

E percebendo o meu esgotamento, acrescentou:

— Agora, permanece calmo e silencioso. É preciso descansar para reaver energias.

Em seguida, chamou dois companheiros que guardavam atitude de servos desvelados e ordenou:

— Prestemos ao nosso amigo os socorros de emergência.

Alvo lençol foi estendido ali mesmo, á guisa de maca improvisada, aprestando-se ambos os cooperadores a me transportarem generosamente.

Quando me alcavam, cuidadosos, Clarencio meditou um instante e esclareceu, como quem recorda inadiável obrigação:

— Vamos sem demora. Preciso atingir "Nosso Lar" com a presteza possível.